

Linhas deverão ser prorrogadas

por Maria Angela Jabur
de São Paulo

Existem grandes possibilidades de os bancos credores do Brasil prorrogarem, mais uma vez, as linhas de crédito de curto prazo. Esta, pelo menos, é a opinião de três representantes destas instituições, ouvidos ontem por este jornal.

Para Toshiro Kobayashi, diretor-presidente do Banco de Tokyo S.A. (ligado ao Bank of Tokyo, que participa do comitê de assessoramento dos bancos credores), estas instituições "não têm outra saída, pois é muito remota a probabilidade de o Brasil chegar a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) até o final de agosto". Ele lembra, também, que do universo de aproximadamente seiscentos credores, somente entre 150 e 200 bancos detêm as linhas de curto prazo, destinadas

ao financiamento do comércio internacional do País e à formação do "funding" de suas agências bancárias no exterior. Complementa dizendo que, embora o comitê de assessoramento ainda não se tenha manifestado a respeito do assunto (diante da falta de consulta oficial), as "perspectivas de desenvolvimento das conversações com o FMI são indispensáveis para a prorrogação".

CRÉDITOS

Para o representante de um outro banco, a falta de um acordo a curto prazo com o FMI pode acarretar ao Brasil a perda de, no máximo, entre 10% e 20% de cerca de US\$ 16 bilhões que as linhas representam. Este montante, segundo afirma, estaria relacionado aos créditos de bancos de pequeno porte, "que não têm grande interesse em continuar operando com o

País". Ele acredita, porém, que dentro de três ou quatro meses, as negociações com o FMI estejam acertadas.

Diz isso baseado em um raciocínio simples: "A situação externa do Brasil nunca esteve tão boa como agora, desde 1978, em decorrência do volume de exportações, da redução das taxas de juros internacionais, dos preços do petróleo e das cotações do dólar. A nível interno, porém, o problema nunca foi tão grave e, para solucioná-lo, o governo deverá atacar o déficit público. Feito isso, estará adotando uma terapia semelhante à recomendada pelo FMI". Do ponto de vista dos credores externos, o representante lembra que, acostumados com a demora dos acordos entre os credores e o FMI, eles adotam uma posição passiva no momento. E conclui:

"Enquanto o País estiver com superávit de caixa e dotado de credibilidade, tudo estará bem".

BOA VONTADE

Para o representante de outro banco, existe somente 50% de probabilidade de prorrogação das linhas. "Pode existir boa vontade do comitê de assessoramento, mas o problema poderá surgir no momento de ele persuadir os bancos participantes." Ele lembra que, no início do ano, quando tais linhas foram prorrogadas, o País passava por um momento impróprio para a conclusão do acordo com o FMI, em decorrência da fase de transição de governo. "Agora", conclui, "a nova equipe está no poder há mais de quatro meses, mas ainda não obteve consenso para desenvolver uma política econômica." Ele lembra que, se por um lado os indicadores como o nível de exportação, o mercado interno e a produção industrial são bastante favoráveis, por outro lado os credores internacionais preocupam-se com os altos níveis da inflação, taxas de juros e "déficit" público, "cuja redução não foi suficiente" para proporcionar uma estabilidade ao País.